



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA SERRA TALHADA
CURSO DE LETRAS- PORTUGUÊS E INGLÊS

ANA CAROLINA FERREIRA ALVES

**UMA DISCUSSÃO SOBRE O EMPREGO DO GERÚNDIO NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO PELA ÓTICA DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA**

SERRA TALHADA-PE
2025

ANA CAROLINA FERREIRA ALVES

**UMA DISCUSSÃO SOBRE O EMPREGO DO GERÚNDIO NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO PELA ÓTICA DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras-
Português e Inglês da Universidade
Federal Rural de
Pernambuco, como requisito parcial para
obtenção do título de licenciada em
Letras- Português e Inglês
Orientador (a): Prof. Dr. Cícero Kleandro
Bezerra da Silva

SERRA TALHADA

2025

A474d Alves, Ana Carolina Ferreira.
Uma discussão sobre o emprego do gerúndio no português brasileiro pela ótica da sociolinguística variacionista / Ana Carolina Ferreira Alves. – Serra Talhada, 2025.
41 f.; il.

Orientador(a): Cícero Kleandro Bezerra da Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica Serra Talhada - UAST, Licenciatura em Letras, Serra Talhada, BR-PE, 2026.

Inclui referências.

1. Gerúndio. 2. Sociolinguística variacionista. 3. Variação linguística. I. Silva, Cícero Kleandro Bezerra da, orient. II. Título

CDD 410

ANA CAROLINA FERREIRA ALVES

UMA DISCUSSÃO SOBRE O EMPREGO DO GERÚNDIO NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO PELA ÓTICA DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UFRPE-UAST) para o alcance do grau de Licenciada em Letras - Português e Inglês.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Cícero Kleandro Bezerra da Silva (Orientador)

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE/UAST)

Prof. Dr. José Herbertt Neves Florêncio

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Profa. Dra. Jane Beltramini Berto

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE/UAST)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente e grandemente a Deus, por ter me dado forças, disposição física e psicológica, e condições financeiras para eu chegar até aqui, pois tenho consciência que sem Ele nada teria se concretizado.

Agradeço imensamente ao meu orientador Cicero Kleandro, o qual aceitou me guiar mesmo com pouco tempo para produção do TCC, mas que em todo momento me auxiliou e me motivou, com diversas palavras de ânimo e de força, as quais me fizeram acreditar no meu potencial e me trouxeram até aqui.

Da mesma forma agradeço a minha antiga orientadora Bruna, a qual me mostrou muito do meu caminho, tanto em aulas quanto nos trabalhos.

Igualmente agradeço à banca examinadora que se dispôs a me avaliar, também com um prazo apertado, mas que em nenhum momento rejeitou ou colocou obstáculos para me ajudar a realizar esse sonho da graduação.

Ao meu marido e família agradeço pelo apoio emocional, financeiro e educacional, por estarem sempre ao meu lado e sempre expressar em palavras e atitudes que tudo que eu quisesse e precisasse, eles estariam ali para me ajudar, e assim foi.

Por último, mas não menos importante, agradeço a minha amiga Aline, que me acompanhou desde o primeiro período e que mesmo quando afastadas por disciplinas diferentes, sempre me ajudou e sempre me fez rir nas aulas mais monótonas.

RESUMO

Este trabalho discute a variação linguística no português brasileiro, com foco no uso do gerúndio e nas percepções de preconceito linguístico associadas a essa forma verbal. Parte-se da compreensão de que a língua é dinâmica, heterogênea e condicionada por fatores históricos, sociais e culturais, como demonstram autores como Ilari e Basso (2007), Bagno (2007) e Bortoni-Ricardo (2005). Observa-se que, ao longo dos séculos, o português brasileiro manteve estruturas com gerúndio que foram abandonadas no português europeu, o que contribuiu para que certos usos fossem estigmatizados como “gerundismo” e erroneamente classificados como galicismos por parte das gramáticas normativas. O objetivo principal deste trabalho é discutir sobre a maneira como consolidou-se a estigmatização acerca do gerúndio, considerando essa percepção a partir do preconceito linguístico que ele sofre e tentar compreender como a sociolinguística variacionista pode promover uma educação mais consciente, com o intuito de ao final dessa discussão chegarmos a compreensão de como essa forma verbal pode ser trabalhado nas salas de aula, utilizando da percepção variacionista. A pesquisa, de natureza bibliográfica e qualitativa, utiliza análise bibliográfica de livros, artigos, gramáticas e teses, publicados a partir dos anos 2000, examinando perspectivas sociolinguísticas e descrições gramaticais do gerúndio. Os resultados indicam que o preconceito contra as construções gerundivas deriva, em grande medida, da valorização histórica do português europeu como modelo de prestígio, aliado à crença de que a língua escrita e normatizada deve prevalecer sobre a fala. A análise revela ainda que as perífrases verbais com gerúndio são amplamente produtivas no português brasileiro, constituindo um fenômeno natural de variação linguística, e não um desvio ou “erro”. Conclui-se que a sociolinguística variacionista oferece uma perspectiva mais adequada para compreender o uso do gerúndio e suas funções no português brasileiro, contribuindo para um ensino menos prescritivo e mais alinhado às práticas reais dos falantes. O estudo reforça a necessidade de reeducação sociolinguística nas escolas, de modo a combater preconceitos linguísticos, valorizar as variedades existentes no país e promover um ensino de língua portuguesa mais crítico, inclusivo e socialmente consciente.

Palavras-chave: Gerúndio, Sociolinguística variacionista, Variação linguística.

ABSTRACT

This study discusses linguistic variation in Brazilian Portuguese, focusing on the use of gerund and perceptions of linguistic prejudice associated with this verbal form. It is based on the understanding that language is dynamic, heterogeneous and conditioned by historical, social and cultural factors, as demonstrated by authors such as Ilari and Basso (2007), Bagno (2007) and Bortoni-Ricardo (2005). It is observed that, over the centuries, Brazilian Portuguese has maintained structures with gerundium that were abandoned in European Portuguese, which contributed to certain uses being stigmatized as "gerundism" and mistakenly classified as galacisms by normative grammars. The main objective of this work is to discuss the way in which the stigmatization of gerundium has been consolidated, considering this perception from the linguistic prejudice that it suffers and trying to understand how variationist sociolinguistics can promote a more conscious education, in order to end this discussion we reach the understanding of how this verbal form can be worked on in classrooms, using variationist perception. The research, of a bibliographic and qualitative nature, uses bibliographic analysis of books, articles, grammars and theses published from the 2000s, examining sociolinguistic perspectives and grammatical descriptions of the gerundium. The results indicate that the prejudice against German constructions derives, to a large extent, from the historical appreciation of European Portuguese as a model of prestige, combined with the belief that written and normative language should prevail over speech. The analysis also reveals that verbal periphrases with gerund are largely productive in Brazilian Portuguese, constituting a natural phenomenon of linguistic variation, and not a deviation or "error". It is concluded that the variationist sociolinguistics offers a more appropriate perspective to understand the use of gerundium and its functions in Brazilian Portuguese, contributing to a less prescriptive teaching and more aligned with the real practices of speakers. The study reinforces the need for sociolinguistic reeducation in schools, in order to combat linguistic prejudices, value the varieties existing in the country and promote a more critical, inclusive and socially conscious teaching of the Portuguese language.

Keywords: Gerund; Variationist Sociolinguistics; Linguistic Variation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – charge sobre variedade linguística

20

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 Língua	15
2.2 Variação	15
2.3 Variedade	19
2.4 Variante	21
2.5 Gerúndio e variação linguística nas escolas brasileiras	22
3 METODOLOGIA	25
3.1 Tipo de pesquisa empregada	25
3.2 Tipo de método utilizado	26
3.3 Procedimentos realizados	26
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	28
4.1 Forma verbal em gerúndio	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

À medida que a sociedade avança, nos deparamos com incontáveis mudanças, sejam elas sociais, políticas, econômicas etc., e por consequência, na língua também ocorrem transformações.

Na língua portuguesa, no Brasil, as diferenças linguísticas que podemos encontrar são muitas e os fatores que contribuem para essas alterações na maneira de falar/escrever/entender estão atreladas tanto às regras gramaticais da própria língua, que avançam com desenvolvimento das ciências que estudam a língua e geralmente vão sendo atualizadas, quanto por fatores extralinguísticos, como a diferença entre as gerações, a região em que se fala, a idade dos indivíduos que comunicam-se, entre outros fatores que podemos citar. Ilari e Basso (2007, p.60) abordam sobre essas transformações que ocorreram no Brasil, observando que ao longo de 500 anos, a linguística, em território nacional, foi marcada pela presença das línguas indígenas, do português dos colonizadores, das línguas faladas pelos escravos e por línguas europeias e asiáticas, construindo relações “supercomplexas” por encontrarmos quase todas as situações possíveis de contato linguístico.

Ou seja, a língua, assim como tantos outros aspectos da sociedade, transforma-se. Trata-se, por sua vez, de uma área heterogênea, múltipla, variável, instável, e que está sempre em construção e desconstrução (Bagno, 1961).

Uma das mudanças presentes na língua portuguesa do Brasil é o uso maior, comparado ao português europeu, dos verbos no gerúndio e das formas verbais produzidas por perífrase+gerúndio *versus* verbos no infinitivo e das formas verbais encontradas em perífrases seguidas de “a” + verbo no infinitivo.

Ex.:

Ele está cantando → comum no Brasil

Ele está a cantar → comum a países que utilizam o português europeu

Essa diferença, contudo, muitas vezes é condenada e generalizada como gerundismo por alguns gramáticos e pelos falantes da língua portuguesa (principalmente, aqueles que defendem a superioridade da gramática normativa em relação as outras), pelo fato de muitos autores defenderem a ideia de que se trata de um galicismo e não de uma evolução da língua. Bechara (2009, p.628) comenta, em

sua gramática, que o uso do gerúndio e das perífrases + gerúndio representam uma evolução da língua– apesar de que veremos que na verdade trata-se de uma construção conservadora do português e não evolutiva– mas, explica que existem os apoiadores e os opositores dessa ideia:

Estes e muitíssimos outros exemplos atestam que tal emprego do gerúndio ocorre vitorioso na língua culta portuguesa, desde longos anos, dando-nos a impressão de se tratar de uma evolução normal, comum a mais de uma língua românica, e não de uma simples influência francesa. Entretanto, notáveis mestres condenam este uso como galicismo: Epifânio Dias, Júlio Moreira, Leite de Vasconcelos, Mário Barreto, entre outros. Defendem-no Otoniel Mota, Said Ali, Eduardo Carlos Pereira, Cláudio Brandão, entre outros. (Bechara, 2009, p.628)

Contrária a esse e a outros preconceitos, temos a sociolinguística que enxerga a língua em seu uso no seio da comunidade de fala, voltando-se às investigações que correlaciona aspectos linguísticos e sociais (Mollica, Braga, 2007), e suas subdivisões, como a variacionista, interacional e a educacional.

Por ocorrerem essas modificações na língua surge a necessidade de nós, profissionais da língua portuguesa, estarmos sempre nos atualizando sobre possíveis alterações, assim como de entendermos quais as possíveis implicações em cada aspectos que a língua tange, e foi pensando nessa perspectiva que surge o desenvolvimento desse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Enquanto professora de língua portuguesa do Fundamental II(6º ao 9º ano) deparo-me diariamente com dúvidas como “por que devemos utilizar o verbo no infinitivo gerundivo e não o gerúndio para indicar continuidade?”, “de onde vem esse gerúndio?”, “sempre que usamos o gerúndio estamos cometendo um gerundismo?” que funcionaram como base para o desenvolvimento das ideias.

O objetivo principal deste trabalho é discutir sobre a maneira como consolidou-se a estigmatização sobre o gerúndio, considerando essa percepção a partir do preconceito linguístico que ele sofre e tentar compreender como a sociolinguística variacionista pode promover uma educação mais consciente, com o intuito de ao final dessa discussão chegarmos a compreensão de como essa forma verbal pode ser trabalhada nas salas de aula, utilizando da percepção variacionista.

Essa pesquisa foi realizada por meio de estudos de fontes bibliográficas qualitativa, analisando livros, gramáticas, artigos e teses que tratam de

sociolinguística, variação linguística, emprego do gerúndio e todo material encontrado que trouxesse dados e/ou informações relevantes à pesquisa.

O processo de desenvolvimento da pesquisa ocorreu partindo inicialmente de dúvidas oriundas da sala de aula com alunos do Fundamental II (6ª ao 9ª anos) sobre o uso do gerúndio; a partir disso, iniciamos a pesquisa sobre sociolinguística com a ideia de contextualizá-la como área de ensino/aprendizagem, com foco em seus principais conceitos e com objetivo de usá-la como base para o ensino/aprendizagem sobre gerúndio; na sequência foi realizada uma pesquisa sobre o gerúndio e sua origem, com a intenção de entendermos e complementarmos as percepções que já tínhamos, considerando nossa hipótese de que o preconceito linguístico em torno do gerúndio baseia-se em um preconceito enraizado por percepções eurocêntricas; após a captação das principais informações e seleção do material, a pesquisa desenvolveu-se chegando aos resultados que demonstram que o preconceito linguístico em torno do gerúndio está baseado em uma percepção eurocêntrica da língua, a qual enxerga esse modo verbal como “inferior” por ser menos utilizado em regiões que utilizam do português europeu, coincidindo com nossa hipótese.

A partir disso, esse trabalho está dividido em seis seções: 1. marcada pela introdução e contextualização do tema, além do resumo de seus resultados; 2. fundamentação teórica, na qual ocorre uma apresentação sobre a sociolinguística, que conta com a explanação dos seus principais conceitos. Ainda nessa seção há o desenvolvimento da nossa hipótese acerca do “erro” que é utilizar gerúndio, que supõe que esse “erro” surge do fato de que o português ensinado nas escolas de aula tem sua base no português europeu e nesse contexto o gerúndio não é usado com tanto frequência quanto no Brasil; a seguir temos a terceira seção: a metodologia, que explica a maneira como foi desenvolvida a pesquisa e o processo de desenvolvimento. Além disso, encontramos os resultados da pesquisa e discussão sobre o tema como quarta seção, e, por fim, as considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De maneira introdutória, faz-se necessária uma breve explanação sobre a origem da nossa base teórica, a sociolinguística variacionista.

Mollica (2007, p.9), no livro *Introdução à sociolinguística*, como supracitado, conceitua a ciência da sociolinguística como:

[...]uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente, os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo.(Mollica, 2007, p.9)

Em outras palavras, a sociolinguística estuda a relação entre língua e sociedade, tomando como objeto principal a variação.(Mollica, 2007), a autora também menciona o caráter heterogêneo da língua e explica que as alternâncias presentes na língua sofrem influência de fatores sociais e estruturais.

Tendo isso em vista, a sociolinguística surge a partir dos estudos da Linguística Moderna, a qual foi inicialmente desenvolvida por Ferdinand Saussure(1857-1913), que constrói a dicotomia língua e fala, sugerindo que todas as manifestações variáveis presentes na comunicação humana pertenceriam ao domínio da fala (Bortoni-Ricardo, 2025, p.09). Inspirado nos trabalhos de Saussure, Antoine Meillet (1866-1936) desenvolve estudos imaginando a língua sob influências sociais, indo em oposição às concepções estruturalistas e formalistas (Lira; Schmidt, 2021, p.2-3). Lira e Schmidt(2021,p.03) mencionam:

Antoine Meillet(1866-1936) enfatizava, em seus textos, o caráter social e evolutivo da língua, pois, enquanto Saussure opõe linguística interna e linguística externa, Meillet as associa, Saussure distingue abordagem sincrônica (estrutural) de abordagem diacrônica (histórica) e Meillet as une. Em suma, enquanto Saussure elabora um modelo abstrato da langue (sistema de signos), Meillet busca explicar a estrutura linguística por meio de fatores históricos e sociais.(Lira; Schmidt, 2021,p.03).

Ou seja, o ramo denominado *sociolinguística* representou uma inovação ao considerar que também a capacidade de usar tais manifestações variáveis da língua é aprendida pelos falantes e se torna parte de sua competência comunicativa(Bortoni-Ricardo,2025. p. 09). No livro *Nada na língua é por acaso*

(2007), de Marcos Bagno, o autor explica que o objeto central da sociolinguística é, como disciplina científica, relacionar a *heterogeneidade linguística* com a *heterogeneidade social*[...]. “Para a sociolinguística, é impossível estudar a língua sem estudar, ao mesmo tempo, a sociedade em que essa língua é falada[...]” (Bagno, 2007, p.38). Desta maneira, compreendemos que a língua é composta por variedades linguísticas e essa variação, por sua vez, acontece e é construída no dia a dia por cada um dos falantes, ou seja, a variação e a mudança linguística são partes essenciais da língua (Bagno, 2007, p.37).

A sociolinguística variacionista, por sua vez, surge nos Estados Unidos por volta de 1960; seu grande representante foi William Labov (1972-2024), linguista que desenvolveu pesquisas nas áreas da sociolinguística, variação e mudança linguística. Labov publicou um estudo, por volta de 1960, sobre mudanças fonéticas no inglês utilizado na ilha de Martha’s Vineyard, em Massachusetts (EUA), no qual relacionou aspectos extralinguísticos— como idade, gênero e ocupação dos falantes— com as mudanças na maneira de falar, tornando-se precursor nos estudos sobre variação linguística.

Todo esse processo, desde Saussure a Labov, repercutiu no que encontramos hoje sobre estudos na sociolinguística, em que ainda ocorre um duelo entre a visão estruturalista da língua— a norma-padrão, aceita e que recebe grande prestígio social—, das variedades linguísticas, que constroem a ideia de heterogeneidade citada anteriormente. Bagno (2007, p.38) explica que:

Assim, o que temos nas sociedades complexas e letradas é uma realidade linguística composta de dois grandes pólos: (1) a variação linguística, isto é, a língua em seu estado permanente de transformação, de fluidez, de instabilidade e (2) a norma-padrão, produto cultural, modelo artificial da língua criado justamente para tentar “neutralizar” os efeitos da variação, para servir de padrão para os comportamentos linguísticos considerados adequados, corretos e convenientes.

E, a partir dessa visão, o autor complementa que é indiscutível entendermos que a norma-padrão influencia na variação linguística e vice-versa. Contudo, para que fique claro o objeto de estudo da sociolinguística, mais especificamente a variacionista, pontuamos a necessidade em definirmos alguns termos basilares como o conceito de *língua*, *variação*, *variedade* e *variante*.

2.1 Língua

Novamente usando de referência Marcos Bagno(2007, p.36) que explica a língua como “ uma **atividade social**, um *trabalho coletivo*, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita.”, observamos, mais uma vez, a percepção da sociolinguística que aplica a ideia de heterogeneidade à língua por se tratar de um ato social que foi alterando-se ao longo do tempo e que a todo momento prova novamente esse aspecto. O autor ainda explica que dentro dos parâmetros de como se define língua, existem “diversos conjuntos de realizações possíveis dos recursos expressivos que estão à disposição dos falantes”(Bagno, 2007, p.39), ou seja, fica à disposição dos falantes de uma determinada língua todo e qualquer recurso plausível pela própria língua e que, por mais que haja regras pré-estabelecidas pela norma-padrão, o ato de variar permanece inerente à língua, proporcionando mudanças e variações infinitas. Milhares de exemplos de mudanças que ocorreram na língua poderiam ser citados, e desta forma, o livro *O português da gente* (Ilari; Basso, 2007, p.158) aponta diversos pontos de diferenças presentes no Português Europeu(PE) e no Português do Brasil (PB), um desses pontos é “ o PE constrói as perífrases progressivas usando, ao lado do verbo *estar*, a preposição *a* + o infinitivo ; o PB usa *estar* + gerúndio: PE *não estou a perceber*/ PB *não estou entendendo*,” demonstrando o poder que uma língua tem de modificar-se a partir da sociedade em que está inserida por seu caráter variacionista, sendo essa nossa próxima definição.

2.2 Variação

A variação, ou seja, o ato de evoluir, ocorre em todos os aspectos da língua, desde a fonética até ao estilo que cada falante imprime de acordo com as necessidades que surgem no dia a dia. Por existirem tantas maneiras de ocorrer as mudanças, a sociolinguística faz a distinção desta em subgrupos, para facilitar o entendimento.

O primeiro é:

A **variação diatópica** que é encontrada quando ocorre a comparação entre a maneira de falar entre dois ou mais lugares distintos, ou seja, são os modos de falar que cada lugar apresenta.

Exemplo: o uso do *tu* e do *você* como pronomes de segunda pessoa do singular. Ilari e Basso (2007, p. 169) exemplificam o caso acima:

“Há, no total, em PB, três formas de expressar a segunda pessoa:(i) Pronome *tu* + verbo de segunda pessoa: *tu és / tu vais*; (ii) pronome *tu* + verbo de terceira pessoa: *Tu é/ tu vai*; (iii) pronome *você* e verbo de terceira pessoa: *você é/ você vai*. Uma ou outra das duas primeiras soluções prevalece conforme a região nos três estados da região Sul. Na fala carioca, encontramos a segunda e a terceira. Nas regiões Norte e Nordeste também encontramos (i) e (ii). A solução com *você* + verbo da 3ª pessoa prevalece no restante do país.” (Ilari;Basso, 2007,p. 169)

O exemplo acima é só um dos infinitos casos de variação encontrados no português, sendo uma diferença perceptível entre regiões diferentes no Brasil. Essa diferença presente na maneira de referir-se a alguém é muito comum quando comparadas as variantes de cada estado do país ou até mesmo entre cidades; por se tratar de um país de tamanho continental, com mais de 200 milhões de pessoas, essas transformações são facilmente encontradas.

O segundo subgrupo é a **variação diastrática** é a que ocorre entre as formas de falar de diferentes classes sociais(Bagno,2007). Segundo Ilari (2007), a formação dessa variação é facilmente percebida quando comparamos as falas de pessoas mais escolarizadas (e com uma vida financeira mais favorecida) com pessoas menos escolarizadas (geralmente menos favorecidas economicamente), na qual conseguimos observar que as pessoas mais escolarizadas apresentam menos desvios da norma-padrão na sua fala/escrita, enquanto que os menos escolarizados demonstram saber menos das regras gramaticais, cometendo alguns “erros” na fala/escrita. Variados exemplos poderiam ser utilizados para demonstrar a variação diastrática, contudo observamos o exemplo exposto por Ilari e Basso(2007,p.176):

Uso de uma única marca de plural nos sintagmas nominais complexos e a ausência de marca de concordância na 3ª pessoa do plural do verbo, particularmente com o sujeito proposto (*Os doces mais bonito são/ é para as visitas. Quando chegou os bombeiro já não tinha mais nada pra fazer*); (Ilari;Basso, 2007, p. 176)

Desta forma, compreendemos que essa variação ocorre quando, por exemplo, comparamos uma classe economicamente baixa com uma de condições financeiras um pouco ou muito acima. Esse português utilizado pelos mais pobres/menos escolarizados é chamado, muitas vezes, de “português sub-padrão”.

O autor ainda explica que esses “erros” nada mais são do que um outro código da língua e que, por sinal, apresenta muita eficácia na comunicação entre seus falantes.

Na sequência, a **variação diamésica** surge da comparação entre a língua falada e a língua escrita. Um exemplo simples da diferença da fala para a escrita é o uso recorrente, por crianças em fase de alfabetização, do *i* no lugar do *e* em frases/períodos que utilizam a conjunção *e* para transmitir ideia de adição:

Eu comprei uma boneca i brinco todo dia com ela.

Isso ocorre muitas vezes porque ao ouvirmos a conjunção “e” entre as palavras/frases/orações ela é representada pelo fonema [j], ou seja, tem o mesmo som do “i”, e, por isso, as crianças costumam utilizar o “i” no lugar do “e” quando escrevem. Assim, quando a criança ainda está construindo a relação entre fonema e grafema, ela tende a realizar uma transcrição direta da oralidade para a escrita, resultando em formas que são consideradas “erros” do ponto de vista da gramática normativa.

Entretanto, do ponto de vista da sociolinguística, tais produções não são desvios aleatórios; são evidências do modo como o falante internaliza e tenta representar graficamente a língua que de fato utiliza.

É importante dar destaque às palavras de Ilari e Basso (2007,p.182), que ajudam a compreender historicamente por que a escrita foi, durante tanto tempo, vista como o parâmetro máximo da língua:

É muito difícil, não só para os leigos, mas também para os especialistas, pensar qualquer aspecto das grandes línguas ocidentais sem evocar de maneira automática, uma de tantas representações tradicionais construídas, em sua maioria com base na língua escrita.(Ilari;Basso, 2007, p. 182)

A partir dessa perspectiva, compreende-se que a escrita foi longamente tratada como forma “correta”, “pura” ou “ideal” da língua, enquanto a fala — dinâmica, variada e sujeita às influências do contexto — era vista como inferior ou imperfeita.

Assim, a variação diamésica vem para minugar essa percepção colaborando com a identificação das transformações entre oralidade e escrita.

A **variação diafásica**, por sua vez, é aquela que acontece quando há uma maneira diferente de falar que cada indivíduo apresenta estando em uma situação de monitoramento referente ao seu comportamento verbal (Bagno, 2007, p.47).

Essa variação pode ser percebida, por exemplo, em uma professora de língua portuguesa, que, durante sua aula, fala/expressa-se de maneira mais formal, utilizando das regras gramaticais, sem uso de gírias e/ou expressões populares, mas que, em outro momento– como em uma comemoração da escola– essa mesma professora, fala com seus alunos de forma informal, cometendo desvios gramaticais e com gírias e/ou expressões comuns para seus alunos. Em outras palavras, essa professora, quando em sala de aula, apresentou uma variação da língua, por ela utilizada, mais voltada à sua profissão, evitando uma linguagem mais popular, pois está sendo monitorada por seus alunos, que muitas vezes, podem utilizar suas falas ou expressões como referência do “correto”, por ela ser a professora de português. Contudo, em uma situação de descontração– como um evento escolar– na qual, essa professora, mesmo estando na presença dos seus alunos, desprende-se da pressão de estar sendo observada e acaba por utilizar uma variação menos formal.

Isto é, essa variação é modificada cada vez que o falante encontra-se em uma situação na qual ele é observado/monitorado, isso porque o falante modifica sua maneira de falar/expressar/escrever quando há um observador avaliando-o e, consequentemente, esse falante acaba por tomar determinadas decisões do que ou de como falar de acordo com a mensagem que este deseja transmitir.

Por último, temos a **variação diacrônica**, a qual refere-se às transformações que ocorreram em determinada língua se comparados momentos diferentes de tempo. Esse tipo de variação evidencia que nenhuma língua é estática; ao contrário, ela está em constante mudança, influenciada por fatores sociais, culturais, políticos etc. A diacronia permite compreender, por exemplo, como palavras desaparecem, outras surgem, significados se transformam e estruturas gramaticais evoluem ou deixam de existir.

Em um artigo de 2017, denominado *Perífrases com gerúndio e com infinitivo preposicionado: revisitando um dos aspectos da hipótese conservadora da formação do PB*(2017), Lelia Alves de Oliveira aborda sobre o uso de perífrases + gerúndio no Português Brasileiro(PB) e explica a diferença dessa construção da variação falada no Português Europeu(PE). No seu estudo sobre as perífrases com gerúndio, Oliveira(2017,p. 07) enfatiza que:

Como admitem Cunha (1986) e Noll (2008), a construção estar (andar etc.) seguida de gerúndio, frequente no PB, é a mais antiga no idioma e ainda hoje é usada em algumas regiões do Sul de Portugal, nos Açores e nos países africanos de língua oficial portuguesa. Estudos comparativos mostram que os portugueses começaram a usar a perífrase estar, andar etc. seguida de infinitivo entre os séculos XVIII e XIX, mas que seu uso teria se consolidado apenas na primeira metade do século XX. No século XIX, escritores portugueses como Eça de Queirós ainda faziam uso da perífrase verbal com gerúndio.(Oliveira, 2017,p. 7)

A fala da autora destaca que, no Brasil, nós ainda utilizamos a perífrase juntamente do gerúndio, enquanto que em Portugal, os portugueses deixaram de utilizar essa construção aproximadamente no século XX, o que implica dizer que houve uma variação diacrônica entre o português europeu usado antes do século XX e depois desse momento; vale ressaltar que essa mudança não chega ao Brasil automaticamente, sendo utilizado a construção anterior até os dias atuais, principalmente nas variações usadas pelas pessoas menos escolarizadas.

Todas essas variações constituem o que chamamos de variação linguística; estes subgrupos demonstram que— por mais que muitas vezes pensemos que a língua, principalmente a falada, é desordenada ou que não tem uma estrutura— a língua falada e a língua escrita mantém uma ordem e/ou uma estrutura, sendo possível observar regularidades. Bagno (2007, p.45-46) destaca que:

Os sociolinguistas enfatizam sempre que **não existe falante de estilo único**: todo e qualquer indivíduo varia a sua maneira de falar, monitora mais ou menos o seu comportamento verbal, independentemente de seu grau de instrução, classe social, faixa etária, etc. (Bagno, 2007, P. 45-46, GRIFO DO AUTOR)

Seguindo por essa linha de raciocínio, partiremos para a próxima definição: variedade linguística.

2.3 Variedade

A variedade, para a sociolinguística, são as maneiras ou modos de falar de um determinado grupo; esses grupos podem ser delimitados por variados fatores como idade, gênero, classe social, lugar, ocupação profissional etc. Para Marcos Bagno (2007), as variedades linguísticas podem ser classificadas em quatro grupos: dialeto (modo falado em determinado lugar), socioleto(modos de falar diferenciados pelas características socioculturais de um grupo), cronoletos (maneira de falar

identificada pela faixa etária) e idioleto (maneira de falar individual de cada falante). Além disso, para sociolinguística, todas as variedades existentes de uma determinada língua são igualmente valiosas e validadas. O autor enfatiza que:

Toda e qualquer variedade linguística é plenamente funcional, oferece todos os recursos necessários para que seus falantes interajam socialmente, é um meio eficiente de manutenção da coesão social da comunidade em que é empregada. (Bagno, 2007, p.48)

O posicionamento de Bagno dialoga diretamente com um dos objetivos da sociolinguística contemporânea: desconstruir preconceitos linguísticos. Ao valorizar todas as variedades, o autor questiona a ideia de norma-padrão como única forma legítima da língua e mostra que a diversidade linguística é um fenômeno natural e fundamental.

A charge a seguir exemplifica uma situação comum nas escolas brasileiras que muitas vezes sofrem com esse preconceito:



Figura 1: charge sobre variedade linguística.

Fonte: <https://sl.bing.net/czrMJTBbIO>

Na charge acima, podemos observar a fala de um aluno com uma professora; nessa conversa o aluno fala de maneira informal e com várias gírias urbanas; na fala dele podemos citar várias características que configuram variações, contudo vamos nos ater a somente algumas delas. O primeiro fator é que se trata de um aluno do gênero masculino e o segundo é a diferença de idade entre o aluno e a professora, que claramente é mais velha. Pela fala do menino não conseguimos identificar o lugar (região do país) exato no qual a charge se passa; contudo, somente esses três fatores já podem configurar uma variação linguística de um determinado lugar, de

uma determinada idade (geralmente as gírias empregadas pelo aluno são usadas por pessoas mais jovens e de localidade urbana) e de um gênero específico, nesse caso o masculino, além de também poder se tratar de um estilo de fala escolhido pelo aluno.

Em outras palavras, a charge acima serve de exemplo para variedades linguísticas como o socioleto, cronoletto e idioleto. Só não configurando o dialeto por não conseguirmos identificar com certeza o lugar de origem do garoto, apesar de conseguirmos compreender que se trata de uma fala comum a pessoas que vivem em áreas urbanizadas.

Semelhantes às variedades, existem ainda as variantes que veremos a seguir:

2.4 Variante

As variantes nada mais são que as formas que competem por um espaço na língua. Bagno(2007, p.50) explica que variante é cada forma diferente de falar a mesma coisa:

Pensemos na palavra 'peixe'. Temos duas pronúncias possíveis para essa palavra : *peixe* e *pexe*. Note-se que, independentemente da pronúncia, o significado referencial/representacional da palavra se mantém: tanto *peixe* quanto *pexe* se referem a um animal vertebrado, aquático, que respira por brânquias. Logo, nesse exemplo, estamos diante de duas variantes de uma variável: o ditongo [ey] e a vogal [e]. Elas são intercambiáveis, ou seja, podem ser trocadas uma pela outra, sem prejuízo da manutenção do significado referencial/representacional.(Coelho et.al, 2015, p.18).

Outro exemplo do dia a dia são as palavras: macaxeira, aipim e mandioca que competem por um mesmo espaço na língua portuguesa no Brasil, pois trata-se da mesma coisa: uma raiz comestível, muito consumida no Brasil. Ou seja, temos três palavras para identificar uma mesma coisa e o uso de cada um dos nomes dados a essa planta são diferenciados pela comunidade de fala e/ou pela região do país.

A soma desses conceitos sintetiza a sociolinguística como um ramo da linguística que avalia e estuda a língua observando não só suas características linguísticas, mas também as sociais, que incluem critérios econômicos, regionais, de idade, ocupação, gênero etc., entendê-los é crucial para compreendermos como a sociolinguística funciona, pois é a partir dessa perspectiva que seguiremos nosso estudo.

Na subseção a seguir, tratamos um pouco sobre como a educação nas escolas brasileiras enxergam o ensino do gerúndio e das variações linguísticas aqui presentes.

2.5 Gerúndio e variação linguística nas escolas brasileiras

A BNCC(Base Nacional Comum Curricular), que entrou em vigor em 2018, na seção destinada a língua portuguesa pontua:

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens.(Brasil, 2018, p.65-66)

Ao considerarmos a relevância do documento que norteia toda a educação nacional, percebemos que a oralidade é tratada como parte essencial da língua—diferentemente de outros momentos na história do Brasil, nos quais a oralidade era desconsiderada e invalidada— e quando tratamos da oralidade, a sociolinguística incorpora parte desses estudos, pois a língua é composta de variações e mudanças.

Nas salas de aula, porém, ainda utilizam-se muitos parâmetros avaliativos a partir da gramática normativa, que desconsidera boa parte das características que a oralidade propõe, muitas vezes discriminando determinados modos de falar ou separando o “certo” do “errado”, gerando o preconceito linguístico. Um dos princípios que constituiu a gramática normativa no Brasil foi a ideia de que a língua deve seguir à risca a escrita, gerando o precedente de que somente aquilo que é dito como correto pela gramática normativa é a única maneira de ser dita/escrita/feita. Desta forma, Bortoni-Ricardo (2005, p. 35) salienta:

Chamamos de língua oficial a descrita na gramática normativa. Do fato de se basear em escritores não contemporâneos resulta seu distanciamento, em muitos pontos, da realidade linguística oral e literária no Brasil. Detentora, porém, do beneplácito do sistema sociopolítico, que a considera correta em detrimento de todas as outras variedades, impõe-se o seu emprego em documentos oficiais e formais, bem como o seu estudo na escola, onde o professor a ensina, embora ele próprio não a use em sua fala coloquial. (Bortoni-Ricardo, 2005, p.35)

Ou seja, a gramática normativa distancia-se do uso no dia a dia, e como a autora observa, nem mesmo os professores utilizam as normas gramaticais, em conversas informais, por exemplo.

Então, assim como a BNCC explica que o estudo escolar deve observar não só a escrita como também a oralidade, a sociolinguística vai no mesmo caminho e explica que o ensino da gramática normativa na sala de aula, por mais que tenha seu valor, também deve considerar outras maneiras de estudar a língua, não somente pelas regras estruturalistas.

Vale ressaltar, porém, que as regras gramaticais têm sim o seu valor, pois para Bortoni-Ricardo:

Outro fator que recomenda o ensino da norma culta é a importância que este aprendizado tem na modalidade social do indivíduo. Qualquer pessoa precisa dominar a variedade linguística de prestígio para poder ter acesso a níveis superiores de ensino e assim obter empregos bem remunerados. (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 36)

Em outras palavras, a gramática normativa tem sua importância no ensino aprendizagem da língua, contudo, outras variedades da língua também são importantes e também devem ser ensinadas, respeitadas e validadas nas salas de aula de todo o país.

É pensando nisso que perguntas como as citadas na introdução surgem, pois considerando que o próprio documento norteador da educação no Brasil já considera outras modalidades de avaliação– e com isso outras variações linguísticas são automaticamente validadas– por que as escolas insistem em ensinar apenas a variação padrão da língua? Por que devemos evitar o uso de perífrases + gerúndio, só porque essa estrutura não é considerada ideal em algumas das gramáticas normativas? E, por que as gramáticas normativas não veem o gerúndio com bons olhos, apesar de usarmos ele diariamente na nossa oralidade e escrita?

Inúmeras respostas poderiam ser a chave para essas perguntas, mas nos atemos a uma das possíveis respostas e, portanto, nossa hipótese é: que o gerúndio e as perífrases + gerúndio, por não serem utilizadas no português europeu com tanta frequência como no Brasil e, pelo fato de, no Brasil, usarmos e ensinarmos com base na gramáticas normativas que seguem o Novo Acordo Ortográfico (feito em conjunto com os países que falam português, em 1990) acabamos por discriminar uma característica da nossa variação do português e impomos uma

variação europeia aos nossos alunos e às comunidades de fala presentes em nosso país, contribuindo portanto com o preconceito linguístico.

Sobre a metodologia empregada neste trabalho, com a intenção de entendermos como ocorreu o desenvolvimento da pesquisa e quais métodos foram utilizados, veremos na próxima seção.

3 METODOLOGIA

Este capítulo apresenta a metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa, detalhando o tipo de investigação empregada, o método escolhido e os procedimentos realizados ao longo do processo. Com base na hipótese do estudo que tenta compreender a relação entre o uso do gerúndio no português brasileiro com um preconceito linguístico oriundo de uma educação eurocêntrica, tornou-se fundamental selecionar e analisar documentos teóricos e empíricos que abordassem, de maneira consistente, conceitos sociolinguísticos, variação linguística e descrições gramaticais. Assim, a metodologia aqui descrita busca demonstrar, de forma clara, como os materiais foram selecionados, quais critérios nortearam a análise e de que maneira os dados foram interpretados à luz da hipótese inicialmente formulada.

3.1 Tipo de pesquisa empregada

Nesse estudo foi empregada a pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, na qual foram analisados livros que abordam a sociolinguística – tanto filosoficamente, quanto em aplicações práticas de suas concepções – gramáticas normativas, artigos científicos da área, Teses de Conclusão de Curso(TCC), assim como de mestrado e pós-graduação, além de estudos sobre o emprego do gerúndio, tanto no português brasileiro como no europeu.

Foram usados livros de autores como Marcos Bagno (2007); Bortoni-Ricardo (2005),(2025); Mollica (2007); Calvet (2002); Coelho *et al.*(2015); gramáticas como a de Rocha Lima (2011), Cunha e Cintra(2017) e Bechara(2009); além de artigos variados, dando destaque aos de Lelia Alves de Oliveira(2017), Jucilene Oliveira Souza Basilio(2024), Rocha(2022) e Simoes(2017).Esses textos tornaram a pesquisa mais completa e mais eficiente, tendo em vista que alguns desses autores são grandes estudiosos da área estudada e os demais consolidaram pesquisas que mostraram-se relevantes a esse estudo.

Portanto, o uso de variados documentos compreende uma gama maior de possibilidades de observação, contribuindo com a solidez da pesquisa, de forma que ela apresente maiores chances de aproveitamento posterior.

3.2 Tipo de método utilizado

O método utilizado foi a análise documental que prevê o estudo dos dados coletados em variados tipos de fontes bibliográficas (livros, artigos, estudos etc.); feita a análise dos dados coletados para avaliar quais eram válidos à pesquisa e quais não agregam ao tema selecionado; os que mais se adequavam, avaliando os mais recentes (publicados após o ano 2000), conteúdo dos textos e relação com o tema “uso do gerúndio”, as informações coletadas foram comparadas a hipótese estruturada anteriormente, com objetivo de identificar se a hipótese estava correta ou se desviava do resultado da pesquisa. Desta forma, Ana e Lemos (2018) salientam:

A análise documental tem como finalidade identificar informações pontuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse. Dentre as principais vantagens destacam-se por ser uma fonte estável e rica, dando maior estabilidade aos resultados; podem extrair evidências que fundamentam as afirmações do pesquisador; tem um custo baixo; e por fim, é uma fonte não-reativa. (Ana; Lemos, 2018, p.08)

Esse método visa identificar, selecionar, organizar e interpretar informações já publicadas, permitindo ao pesquisador construir uma compreensão fundamentada sobre o fenômeno investigado. No contexto desta pesquisa, a análise documental mostrou-se adequada por possibilitar o exame detalhado de produções teóricas e descritivas sobre o uso do gerúndio no português brasileiro e europeu, bem como sobre aspectos da variação linguística.

3.3 Procedimentos realizados

A pesquisa, como supracitado, teve sua ideia inicial pautada em perguntas feitas por alunos do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano), nas aulas de língua portuguesa sobre modos verbais; as dúvidas recorrentes levaram à formulação da hipótese de que existe um preconceito linguístico amplamente disseminado sobre o gerúndio — preconceito presente não apenas entre alunos, mas também entre professores.

Com base nisso, iniciou-se uma busca por gramáticas, artigos científicos, teses, livros e demais documentos capazes de esclarecer esse fenômeno, oferecendo respostas às perguntas dos alunos e sustentação teórica para discussão da hipótese. A pesquisa priorizou textos que abordassem o uso do gerúndio, a

construção de perífrases verbais + gerúndio, a variação linguística e os aspectos sociolinguísticos relacionados ao tema.

Após uma leitura minuciosa dos materiais selecionados, procedeu-se à análise dos conteúdos, confrontando-os com a hipótese previamente estabelecida. O processo de investigação, baseado em análise, síntese e interpretação crítica, permitiu selecionar os documentos mais adequados ao tema proposto.

Em busca de respostas que esclarecessem a hipótese proposta, foram realizadas análises de artigos como de Oliveira (2017), Basílio (2024), Queriquelli (2022) que falam sobre o gerúndio e/ou perífrase+gerúndio, tanto no português brasileiro, como no português europeu. Além disso, a tese de Simões (2007) esclareceu muito sobre os casos de gerúndio. As gramáticas vistas nortearam o conceito de gerúndio. Livros e artigos sobre a sociolinguística e sobre a educação foram basilares na pesquisa, alguns deles já mencionados acima e outros presentes nas referências.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Forma verbal em gerúndio

A forma nominal dos verbos conhecida como gerúndio é indicada pelos verbos terminados em -ando, -endo, -indo, assim por diante; ele caracteriza ações em desenvolvimento ou prolongadas e pode exercer a função de adjetivo ou advérbio em uma oração.

O gramático Rocha Lima(2011, p.168) explica que:

Ao lado destas três(**indicativo, subjuntivo e imperativo**), outras formas há, às quais têm os gramáticos vacilado em chamar *modos*: o *infinitivo*, o *particípio* e o *gerúndio*. Realmente, sem embargo de sua aparência de verbo, tais formas não possuem *função* exclusivamente verbal.[...] O *gerúndio* equipara-se ao *advérbio*, pelas várias circunstâncias de lugar, tempo, modo, condição, etc., que exprime. A gramática clássica as denominava *formas infinitas*, em contraste com as do indicativo, subjuntivo e imperativo, chamadas *formas finitas*. Autores modernos intitularam-nas formas nominais do verbo, ou, mais expressivamente, VERBOIDES.¹(**grifo nosso**)

Nesse trecho o autor explica pois que, a forma nominal gerundiva não caracteriza-se como modo verbal, como alguns gramáticos dizem, mas sim, como uma forma nominal também conhecida como verboide, que são as palavras que apresentam características como as de verbos e de outras classes gramaticais ao mesmo tempo, como o substantivo, adjetivo e advérbio. Simões (2007, *apud* Oliveira, 2017, p.47) explica que:

O gerúndio é uma das formas nominais do latim clássico, juntamente com infinitivo, gerundivo, particípio e supino, e essas formas poderiam desempenhar funções de verbos, nomes e adjetivos, ou ser usadas em construções com valor adverbial.(Simões, 2007, *apud* Oliveira, 2017,p. 47)

Na oração a seguir podemos observar esse fenômeno:

“Havia pessoas correndo na rua ontem à tarde.”

No exemplo, o verbo correr + a terminação -ndo exprime a ideia de continuidade do ato de correr, ou seja, uma ação em desenvolvimento. Contudo, uma situação muito recorrente no português brasileiro são as perífrases utilizando de verbos auxiliares, como o *estar*.

De acordo com Ilari e Basso(2007,p.102):

[...]O português desenvolveu uma série de perífrases verbais formadas por meio de um verbo auxiliar. Isso amplia bastante – muito além daquilo que as gramáticas sugerem – as possibilidades de utilizar as bases verbais disponíveis na língua. Considerem-se, por exemplo, as formas (se eu) *telefonasse*, (eu) *telefonarei*, (eu) *tenho telefonado*, (eu) *vou telefonar*, (eu) *acabo de telefonar*, (eu) *estou telefonando*, (eu) *vou estar telefonando*, (eu) *dei uma telefonada*. De acordo com as gramáticas, apenas as três primeiras fazem parte do paradigma de conjugação verbal; as demais não chegam sequer a ser lembradas. Ao contrário, interessa perceber que todas essas formas aproveitam uma mesma base lexical e que seu uso é particularmente freqüente: *estou telefonando* é a forma mais usada para descrever uma ação simultânea à fala (é o verdadeiro presente do indicativo do português do Brasil) e resulta de um processo de formação semelhante ao que deu origem a *terei telefonado*, que, embora seja registrado pelas gramáticas, tem uma freqüência de uso praticamente nula.

Em outras palavras, a perífrase gerundiva é uma das formas mais utilizadas no português brasileiro mesmo que essa estrutura não seja apoiada pelas gramáticas mais tradicionais.

Bechara(2009, p.266-267), por sua vez, concorda com a definição de forma nominal do verbo dada ao gerúndio e acrescenta:

O infinitivo pode ter função de substantivo (recordar é viver = a recordação é vida); o particípio pode valer por um adjetivo (homem sabido), e o gerúndio por um advérbio ou adjetivo (amanhecendo, sairemos = logo pela manhã sairemos; água fervendo = água fervente). Nesta função adjetiva, o gerúndio tem sido apontado como galicismo; porém, é antigo na língua este emprego, quando ocupou o lugar vago deixado pelo particípio presente, que desapareceu do quadro verbal português para ingressar no quadro nominal.

Nesse momento, o autor enfatiza o fato de haver gramáticos que consideram o gerúndio um galicismo da língua portuguesa, contudo, na sequência o próprio esclarece o fato de que o gerúndio é uma construção antiga da língua portuguesa, a qual estabeleceu-se a partir da extinção dos verbos conjugados no particípio presente.

Assim como Bechara(2009), Cunha e Cintra(2017,p.529) reafirmam a definição de gerúndio como uma forma nominal dos verbos, caracterizando-se por não poder exprimir por si nem o tempo nem o modo, muito semelhante aos advérbios e adjetivos. Contudo, o ponto que vale destacar é:

O emprego do *gerúndio* com valor de *oração adjetiva* tem sido considerado por certos gramáticos um galicismo intolerável. Cumpre, no entanto, acentuar que é antiga no idioma a construção quando o *gerúndio* expressa a ideia de atividade atual e passageira. (Cunha;Cintra, 2017, p.660)

Nesse trecho, os autores explicam o mesmo ponto que Bechara (2009) de que o gerúndio, em alguns casos, é considerado, novamente, erroneamente um galicismo. Eles também refutam a ideia.

No português europeu, o uso da perífrase gerundiva decaiu bastante nos últimos séculos, como demonstra Oliveira (2017, p.14) em sua pesquisa, na qual analisou o uso da perífrase verbal com gerúndio e com infinitivo, demonstrando uma queda dessa estrutura nas construções europeias:

De maneira geral, o que os dados encontrados nos permitem observar é que, considerando o número de ocorrências, tanto em PE quanto em PB, o uso de perífrases, seja com gerúndio seja com infinitivo preposicionado, foi consideravelmente menor em Português Europeu, o que leva a pensar que seu uso seja mais comum no Brasil que em Portugal.(Oliveira, 2017, p.14)

Assim, em Portugal, o uso mais comum é da perífrase com infinitivo preposicionado como em: “*estou a chegar*”, no lugar de “*estou chegando*” como é comum no Brasil.

Essas diferenças nas variações do português comprovam a perspectiva sociolinguística de que em cada comunidade de fala podemos encontrar diferenças linguísticas, seja de palavras, expressões, significadas etc., além de compreendermos que essas diferenças também se dão por fatores como regiões diferentes – no exemplo acima, continentes distintos –, faixa etária, gênero, condição social e demais critérios socioculturais e econômicos que podemos citar. O fato é: a língua, com sua característica heterogênea, prova que, como $2+2=4$, a língua sempre vai variar e, com isso, inúmeras diferenças surgirão e consistirão em variações de uma mesma língua.

Outrossim, Bortoni-Ricardo(2005,p.26) explica que:

Nos países em que a língua-padrão é contextualmente condicionada, os falantes têm acesso a, pelo menos, duas variedades – um vernáculo, usado sem restrições nos ambientes onde prevalece maior intimidade, e uma variedade-padrão, reservada para a interação de maior formalidade. Ambas gozam de prestígio, resguardada sua distinção funcional.

Contudo, esse prestígio que a autora explica que as variedades têm não é dado às construções que utilizam o gerúndio, mais especificamente as perífrases + gerúndio, que muitas vezes são igualadas ao gerundismo, o que aumenta o preconceito linguístico.

Partindo dessa premissa de que as construções formadas de verbos no gerúndio são gerundismos, Torres e Coan (2011), no artigo *Gerundismo: variação e*

preconceito linguístico, diferenciam o que são as construções formadas de perífrase + gerúndio do gerundismo e explicam que essas construções foram estigmatizadas como gerundismo de maneira equivocada, além de afirmarem que esse fato está diretamente relacionado ao preconceito linguístico que o gerúndio sofre:

É preciso esclarecer que nem todas as construções em que o gerúndio se alia a outro verbo para expressar tempo, seja passado, presente ou futuro, podem ser consideradas gerundismo. Se tratássemos todas as construções gerundivas como gerundismo, teríamos de considerá-las como variantes de uma mesma variável, o que definitivamente não é. O gerúndio pode aliar-se a outro verbo para expressar diferentes tempos e modos em Português brasileiro e acrescenta a essas construções nuances aspectuais diferentes. (Torres; Coan, 2011, p.01)

Já nas suas considerações finais, os autores chegam à conclusão que:

Da discussão proposta, pode-se depreender que: a) o gerundismo é tipicamente uma construção gerundiva com três verbos; b) o verbo da segunda posição é o verbo estar, funcionando como auxiliar; c) expressa um estado de coisas possível, promessa ou possibilidade—modalidade não-factual; d) ocorre posteriormente ao momento de fala e ao momento de referência. Na expressão de tempo futuro, as perífrases gerundivas codificam, como as formas simples e perifrásticas, a noção temporal, mas acrescentam outras noções: acentuam o caráter modal do futuro, ou seja, a modalidade epistêmica (incerteza, dúvida, possibilidade etc.) e evidenciam traços aspectuais (duratividade, telicidade, pontualidade, iteratividade), constituindo-se uma alternativa para o falante expressar mais com menos itens linguísticos. (Torres; Coan, 2011, p.13)

Isso implica dizer que, as construções formadas por gerúndio nem sempre configuram gerundismo, pelo contrário, há uma lista de condições para que ocorra o gerundismo. Todavia, nos contextos escolares, em decorrência do ensino basilar nas gramáticas normativas, acontece uma generalização das construções pautadas no gerúndio que recebem o preconceito ocasionado do gerundismo.

Desta maneira, surge a problemática em torno dessas construções, que por não serem privilegiadas em muitas gramáticas, sofrem com uma taxação de que são incorretas e que devem ser evitadas e pior: todas as formas do gerúndio acabam por carregar o fardo da ignorância social de associar uma construção específica ao todo.

A língua portuguesa foi introduzida, no Brasil, por meio dos colonizadores que aqui chegaram em 1500, mas que instauraram morada e trouxeram consigo toda suas perspectivas, cultura, língua, costumes etc. Contudo, o português que aqui foi ensinado e inserido como língua obrigatória a todos os povos originários e às pessoas trazidas para cá —vítimas da escravidão e tráfico negreiro— sofreu, assim

como todas as línguas, com o fenômeno da variação linguística, constituindo mudanças notáveis entre o português brasileiro e o europeu; uma dessas mudanças foi o uso do gerúndio pra indicar ações em desenvolvimento.

De acordo com Oliveira (2017), formou-se, com isso, teorias de que o português brasileiro é mais conservador, em comparação ao europeu, tendo em vista que o português europeu deixou de utilizar a perífrase+gerúndio a partir do século XX, enquanto que no Brasil essa construção é utilizada até hoje. Após análise da ocorrência de perífrase+gerúndio e perífrase+infinitivo, norteadas por idealizadores como Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Volker Noll, a autora chega à conclusão que no português europeu existia o uso da perífrase verbal junto ao gerúndio até o início do século XIX, mas que depois disso, o uso de alguns verbos seguidos por infinitivo cresceu muito, por esse motivo o português brasileiro está mais próximo do Português Arcaico do que do atual. Em sua pesquisa a autora explica que:

A partir da análise dos dados obtidos, foi possível observar que as perífrases com gerúndio foram as mais recorrentes, tanto em PB quanto em PE, e que as ocorrências de perífrase com infinitivo preposicionado foram encontradas apenas em textos dos séculos XIX e XX, confirmando o que postulam os defensores da hipótese conservadora quando afirmam que a perífrase com gerúndio é a mais antiga na língua, sendo usada desde o Português Arcaico. Assim sendo, por este viés, foi Portugal que inovou, passando a usar a perífrase com infinitivo no fim do século XVIII e início do século XIX, como já afirmavam Cunha (1986) e Noll (2008). Os dados ainda mostraram que o uso de perífrases parece ser mais comum no Português Brasileiro que no Português Europeu. (Oliveira ,2017, p.62)

Ou seja, por essa perspectiva concluímos que o português brasileiro utiliza expressões “desatualizadas” considerando que o português europeu não utiliza mais essas construções e, dessa forma, falamos, utilizamos e ensinamos uma língua mais conservadora, que preserva traços de um português arcaico.

Ao mesmo tempo, nossas gramáticas normativas– que quer queiramos, quer não, são consideradas as bases para nossa língua padrão– seguiram o ritmo da “evolução” do português europeu, o qual desenvolveu essa forma verbal de não mais utilizar o gerúndio, mas sim a perífrase + “a” junto ao verbo no infinitivo. Isso implica dizer, portanto, que nós, brasileiros, falamos e usamos em, diversos contexto, uma versão “errônea” da língua considerada “certa” pelas gramáticas, e não só isso, como também “desatualizada” perante o português europeu, mesmo que ambos– português brasileiro e português europeu– sigam o mesmo regimento

de regras gramaticais. Bortoni-Ricardo(2005, p.27) defende que “[...]Qualquer variedade cuja morfossintaxe e léxico desviem-se do português-padrão efetivamente usado é considerada ruim e indesejável, independentemente do contexto em que ocorra”. Conseguimos depreender, portanto, que as construções linguísticas como as previstas no uso do gerúndio e das perífrases verbais com gerúndio são vistas como errôneas, por reproduzirem versões mais estigmatizadas que outras.

Nessa mesma vertente, Nascimento(2021, p.03) fala que:

É notório que o Português Padrão (PP) é considerado a forma correta de falar a língua. As normas estabelecidas pela gramática carregam o mito de que é preciso falar da maneira como se escreve, sendo essa uma maneira considerada bonita de usar a língua, identificando que seus usuários são letrados e dominam bem a escrita. (Nascimento, 2021, p.03)

Sob essa perspectiva, o português usado por todos os brasileiros nos seus usos mais diários e corriqueiros– escolarizados ou não, pobres ou ricos, homens ou mulheres, brancos ou negros– é taxado como incorreto e isso gera o preconceito linguístico, além de gerar o precedente de que tudo que fuja da norma padrão não é “usável”.

Além disso, Bagno (2007, p.63) explica que a gramática tradicional é datada aproximadamente no século III a.C., sendo ela “[...]Uma abordagem não-científica nos termos modernos de ciência, a Gramática Tradicional combinava instituições filosóficas e preconceitos sociais.”

Isso significa que, enquanto todos os ramos da ciência evoluíram, desenvolveram novos métodos de estudo, mudaram o ponto de vista e até mesmo voltaram atrás em alguns preceitos, nós, da linguagem, seguimos uma estrutura datada séculos antes de Cristo até os dias de hoje, e pior, continuamos perpetuando preconceitos linguísticos para com quem não utiliza regras gramaticais antigas e eurocêntricas.

Contudo, isso vai de encontro com tudo que a sociolinguística considera. Como Bortoni-Ricardo(2005, p.14) explica:

O prestígio associado ao português-padrão é sem dúvida um valor cultural muito arraigado, herança colonial consolidada nos nossos cinco séculos de existência como nação. Podemos e devemos questioná-lo, desmistificá-lo e demonstrar sua relatividade e seus efeitos perversos na perpetuação das desigualdades sociais, mas, negá-lo, não há como.

A própria autora defende a ideia de ser questionado essa percepção sob a qual vivemos, na qual a língua padrão, vulgo norma gramatical, é a única considerada correta, e, concordando com esse pensamento, a própria BNCC(2018), como já exposto anteriormente, explica o valor das outras formas de linguagem ensinadas no meio escolar.

Todavia, são inegáveis as qualidades relativas à norma padrão e seus benefícios como língua. Novamente Bortoni-Ricardo(2025) salienta que:

Outro fator que recomenda o ensino da norma culta é a importância que este aprendizado tem na mobilidade social do indivíduo. Qualquer pessoa precisa dominar a variedade linguística de prestígio para poder ter acesso a níveis superiores de ensino e assim obter empregos bem remunerados.(Bortoni-Ricardo,2005,p.36)

Ou seja, a norma padrão traz alguns benefícios para a comunidade que a utiliza, contudo “Nunca é supérfluo reafirmar porém, que do ponto de vista linguístico, essas variedades não são estruturalmente inferiores à norma padrão. O conceito de “erro gramatical” é tão-somente uma questão de diferença entre dois dialetos.”(Bortoni-Ricardo,2005,p.37)

Pensando nisso, a sociolinguística distancia-se do “correto” instituído pela norma padrão, pois, ao considerar e validar todas as variações e variantes que compõem uma língua e não só aquela utilizada por alguns falantes— geralmente os que têm um grau de instrução mais elevado, assim como mais recursos econômicos— constrói uma visão que iguala tudo e todos, diminuindo o preconceito linguístico.

Ao olhar por esse ângulo, e ao mesmo tempo considerar a Base Nacional da educação brasileira, fica nítido a discrepância entre o ensino da norma-padrão e a própria legislação que compreende muito mais do que o que consta nas gramáticas. A partir daí, a sociolinguística emprega uma perspectiva inovadora, ao considerar as variações da língua e não só considerá-las válidas, como também defender o seu uso e seu ensino/aprendizagem na mesma medida das normas gramaticais já estabelecidas.

Com base nisso, a hipótese de que o preconceito linguístico sobre o uso do gerúndio no Brasil surge da perspectiva que, por usarmos e ensinarmos a língua portuguesa com base em gramáticas normativas que fazem referência não ao português brasileiro, mas sim ao português que segue o Novo Acordo

Ortográfico(1990), ou seja, o português europeu, é comprovada ao percebermos que:

[...]Os primeiros gramáticos, comparando a **língua escrita** dos grandes escritores do passado e a **língua falada** espontânea, concluíram que a língua falada era caótica, sem regras, ilógica, e que somente a língua escrita literária merecia ser estudada, analisada e servir de base para um modelo do “bom uso” do idioma.

Comparado também a língua falada de seus contemporâneos e uma língua escrita das grandes obras literárias do passado, eles concluíram que, com o tempo, a língua tinha se degenerado, se corrompido e que era preciso preservá-la da ruína e da deterioração (Bagno,2007, p.68).

Desta forma, nós, como professores da língua, ao ensinarmos a língua portuguesa apenas pela perspectiva normativa, contribuímos com o aumento do preconceito linguístico, aqui no Brasil, e influenciemos nossos alunos a descredibilizar as variações e variantes presentes no nosso país, além de prejudicar nosso próprio trabalho de ensino/aprendizagem por termos que ensinar conteúdos que muitas vezes não passam de regras irracionais– que não serão utilizadas pelos nossos alunos– ajudando na construção de um país cada dia mais repleto de analfabetos funcionais que não conseguem interpretar um texto simples, mas que sabem identificar o que é um verbo transitivo direto, por exemplo.

Nas salas de aula do Brasil, é muito comum a discriminação do uso do gerúndio, como supracitado, sendo confundido com o gerundismo, o que desenvolve nos professores mal informados, e nos próprios alunos, a perspectiva de que essas construções estão incorretas e que devem ser evitadas. Contudo, o uso do gerúndio, em diversas situações, são mais do que ideais, demonstrando construções linguísticas que apresentam entendimento mais ideal para a fala, como cita Cunha e Cintra(2017), quando o assunto é substituto para o subjuntivo, por exemplo:

Por vezes a construção com o subjuntivo é pesada ou malsoante. Convém, nesses casos, substituí-la por uma forma expressional equivalente. Entre os substitutos possíveis do subjuntivo, devem ser mencionados:

[...]

2. O gerúndio, principalmente nas orações condicionais. Comparem-se estas frases: Se seguisses o caminho normal, chegarias primeiro. Seguindo o caminho normal, chegarias primeiro. Se andarmos depressa, ainda o alcançaremos. Andando depressa, ainda o alcançaremos.(Cunha;Cintra, 2017, p.486)

Desta forma, observamos que o uso do gerúndio não só é correto, como “soa” mais harmonioso, refutando a ideia de que o uso do gerúndio é incorreto/inadequado. Ao contrário do que alguns gramáticos defendem, há situações nas quais este uso é o ideal e deve ser utilizado.

Tendo isso em vista devemos modificar essa situação utilizando da sociolinguística. Para isso Bagno(2007, p.82) pontua que:

À professora e ao professor de língua portuguesa cabe o trabalho da **reeducação sociolinguística** de seus alunos e de suas alunas.[...]Significa valer-se do espaço e do tempo escolares para formar cidadãos e cidadãs conscientes da complexidade da dinâmica social, conscientes das múltiplas escalas de valores que empregamos a todo momento em nossas relações com as outras pessoas por meio da linguagem. (Bagno, 2007, p.82)

Considerando essa reeducação sociolinguística, o autor menciona as implicações relativas a essa ação, entre elas está: ensinar aos alunos que eles sabem português e que escola só vai acrescentar mais conhecimento, ajudá-los a desenvolver uma consciência sobre o preconceito linguístico e contribuir com a luta contra essa situação, garantir aos alunos o acesso a outras formas de falar e escrever, conscientizar os alunos sobre o papel da linguagem em sociedade, desenvolver práticas de letramento, entre outras ações.(Bagno, 2007,p. 84-85).

Fundamentado por toda a pesquisa desenvolvida acima, entendemos que o ensino do gerúndio e das perífrases verbais junto ao gerúndio sofre discriminação no Brasil pelo fato de que, ao usarmos como referência um português que considera esse uso errado(português europeu), acabamos por imitar esse preconceito e passamos a desconsiderar toda a contribuição que a nossa variação linguística construiu. Tendo isso em vista, é crucial que transformações sejam realizadas no processo de ensino/aprendizagem nas salas de aula brasileiras, e uma maneira de modificar essa situação é mediante a ótica da sociolinguística variacionista que compreende as variações presentes na língua tão válidas quanto à proposta pelas gramáticas normativas, diminuindo assim o preconceito linguístico e aumentando a consciência social sobre a valorização da nossa maneira de falar, escrever e ver a nossa língua.

A sociolinguística mostra-se ideal nessa mudança, pois propõe mudanças na visão que as pessoas têm da língua. Nas salas de aula esse uso deve ser aderido desde as séries iniciais, não apenas com aulas sobre variação linguística como a BNCC cobra, mas sim, como uma construção diária e necessária, seja com uso de exemplos, aceitação das construções utilizando gerúndio em textos produzidos pelos alunos, como também palestras de conscientização sobre o preconceito linguístico que assola nossa sociedade, mesmo com tantos avanços na educação.

As construções gerundivas podem servir de ponto de partida quando se trata de preconceito linguístico em sala de aula, colocando em xeque desde a visão dos alunos até a dos professores e coordenadores das escolas, que muitas vezes, sem perceber, disseminam preconceitos e visões deturpadas pelo pensamento eurocêntrico.

Os alunos devem ter acesso a um conhecimento vasto e correto, além de poderem, com isso, diminuir as falsas visões da língua que por vezes são disseminadas, melhorando, não só seus usos da língua, como suas comunidades no geral.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse Trabalho de Conclusão de Curso(TCC) teve como objetivo principal discutir um pouco sobre o fenômeno da forma verbal do gerúndio e o preconceito linguístico sofrido por quem utiliza de construções gerundivas e compreendermos como esse ensino/aprendizado pode ser modificado pela sociolinguística variacionista.

Em um primeiro momento foi brevemente discutida a origem e principais conceitos da sociolinguística variacionista; dando continuidade, foi apresentada nossa hipótese de que o uso do gerúndio é desmerecido pelo fato de que esse fenômeno é pouco utilizado no português europeu, demonstrando uma língua que produz preconceitos linguísticos para com quem não utiliza das normas gramaticais tidas com as únicas corretas. Em seguida é explicada a metodologia empregada neste trabalho, a qual foi desenvolvida por meio de análise de fontes bibliográficas qualitativas, e, por fim, são apresentadas as informações coletadas na pesquisa bibliográfica e feita a explicação que atesta a veracidade da hipótese proposta.

Compreendemos, portanto, que a língua prova, cada vez que nos deparamos com ela, ser um reflexo social, que modifica-se com o tempo, podendo ir em todas as direções possíveis, como é o caso do gerúndio que, de acordo com essa pesquisa pode ser compreendido como algo não incorreto ou inadequado e muito menos ultrapassado, mas sim, um exemplo de conservadorismo na linguagem empregada no Brasil.

Tendo isso em vista, esse trabalho tem por objetivo torna-se representante, de um pontapé inicial para um maior conhecimento em todos os níveis da educação de que, às vezes, um preconceito linguístico, nada mais é do que a representação mais pura de um problema muito maior, como o próprio preconceito social, tocando em lugares como a xenofobia e o pensamento eurocêntrico do mundo, que não cansa de construir novos degraus de desigualdade em diversos níveis.

A educação necessita de novos olhares para com a língua portuguesa utilizada no Brasil considerando muito mais do que ideais gramáticos e tradicionalistas, observando também as novas pontes para o conhecimento, como a própria sociolinguística, que percebe essas diferenças e tratam-nas como iguais, diminuindo os preconceitos pré- estabelecidos.

Conscientes disso, este trabalho pode ser utilizado como um texto introdutório para pessoas comuns, alunos de licenciatura em língua portuguesa e quem mais desejar compreender um pouco sobre o uso do gerúndio no Brasil e as contribuições que a sociolinguística variacionista pode gerar na aplicação desse assunto. Pesquisas ou trabalhos sobre o assunto podem ser desenvolvidos a partir dessa discussão, tendo em vista que todo conhecimento construído em um TCC, pode gerar novos frutos e concretizar um avanço no que sabemos sobre língua e sobre o mundo.

REFERÊNCIAS

ANA, Wallace Pereira Sant; LEMOS, Glen Cézar. **Metodologia científica: a pesquisa qualitativa nas visões de Lüdke e André**. Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar. Mossoró, v. 4, n. 12, 2018.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Sociolinguística Educacional**. São Paulo: Contexto, 2025.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRESOLIN, Felipe. **Preconceito linguístico e a gramática normativa: a questão brasileira**. *Caderno Intersaberes*, Curitiba, v. 14, n. 52, p. 17–28, 2025. DOI: <https://doi.org/10.22169/cadernointer.v14n52.3555>.

CALVET, Louis-Jean. A luta por uma concepção social da língua. *In: Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; SOUZA, Christiane Maria N. de; MAY, Guilherme Henrique. **Para Conhecer Sociolinguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. reimpr. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017. 800 p., recurso digital

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

LENZ FREITAS, Anna Flávia. **A variação linguística nas aulas de língua portuguesa: uma análise à luz da sociolinguística educacional**. Foz do Iguaçu, 2022.

LIMA JÚNIOR, Eduardo Brandão; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SANTOS, Adriana Cristina Omena dos; SCHNEKENBERG, Guilherme Fernando. **Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa**. *Cadernos da FUCAMP*, v. 21, n. 46, p. 122–140, 2022. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2356>. Acesso em: 25 nov. 2025.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

LIRA, Fabiana da Silva; SCHMIDT, Cristiane. **Sociolinguística educacional e sua contribuição para as metodologias em/de sala de aula: educational sociolinguistics and its contribution to classroom methodologies**. web revista **sociodiaeto**. [S. l.], v. 12, n. 35, p. 1–15, 2024. DOI: 10.61389/sociodiaeto.v12i35.8089.
Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/sociodiaeto/article/view/8089>. Acesso em: 19 nov. 2025.

MARTINS, Marina Costa Villela. **Abordagem Sociolinguística na Formação de Professores de Língua Materna a Distância: Concepções de Língua e seu Ensino**. UNIRIO, 2014. 181 páginas. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, UNIRIO.

MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

NASCIMENTO, Núbia Maria Da Silva et al.. **Variação linguística, preconceito linguístico e ensino de língua portuguesa**. VII CONEDU - Conedu em Casa. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/81387>>. Acesso em: 17/11/2025 20:55

OLIVEIRA, Lelia Alves de. **Perífrases com gerúndio e com infinitivo preposicionado: revisitando um dos aspectos da hipótese conservadora da formação do PB**. *Revista Argumento*, v. 18, n. 27, p. 41–65, 2017.

ROCHA, Luiz Carlos. **Do gerúndio e gerundivo latinos ao gerúndio português: consensos revisados e descobertas incidentais**. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 28, n. 2, p. 707–741, 2020.

SIMÕES, José da Silva. **Sintaticização, discursivização e semanticização das orações de gerúndio no português brasileiro**. 1.vol. São Paulo, 2007.

TORRES, Fábio Fernandes; COAN, Márluce. **Gerundismo: variação e preconceito linguístico**. *Revista do GELNE*, Natal, v. 13, n. 1/2, p. 225-248, 2011.